

1953

MUSEU DE ARTE MODERNA

DO

RIO DE JANEIRO

14 e 15
Expo Crianças

Rua da Imprensa, 16-A

Tel.: 52-7432

BOLETIM DE JANEIRO

1953

N.º 4

EXPOSIÇÃO DE PINTURA DE CRIANÇAS

Realizou-se, às 18 horas, do dia 16 de dezembro, a abertura da Exposição de Pintura de Crianças, alunas do professor Ivan Serpa, no curso instituído por este Museu.

Foram expostos trabalhos das seguintes crianças:

Ailton Furtado 14 anos; Alba Lúcia Fernandes Lopes 5 anos; Alberto Balassiano 14 anos; Ana Lucia Fernandes Lopes 9 anos; Ana Nery de Oliveira Lima 10 anos; Analuce Santos Estrella 7 anos; Anna Lucia Fernandez 9 anos; Anna Maria Nacinovic 5 anos; Anna Maria Vianna da Silva 11 anos; Carlos Alberto Ribeiro 8 anos; Carlos Alfredo M. Miranda 2 anos; Carlos Fernandes da Costa Val 14 anos; Carlos José Gomes Pedrosa 9 anos; Cláudio Weber Abramo 6 anos; Cléa Maria Braga de Carvalho 9 anos; Diogo Pereira 5 anos; Edgar Peixoto de Moura 4 anos; Eduardo Peixoto de Moura 5 anos; Eliana Afonso Ferreira 5 anos; Elias Nigri 14 anos; Elisabeth Jones 6 anos; Eloisa Duarte Pedrosa 8 anos; Fabrício Gomes Pedrosa Filho 10 anos; Frederico Klautz 8 anos; Glycon de Paiva 8 anos; Hélcio Trajano Gadret 7 anos; Helena Cristina Ferraz Rodriguez 8 anos; Humberto Haddock Lobo 7 anos; José Cláudio Monteiro 8 anos; José Paulo Teixeira de Magalhães 10 anos; Laura Shafer Belchior 5 anos; Leila Fernandez e Mello 8 anos; Luiz Carlos Santos Estrella 8 anos; Marcos Eduardo Pareto 7 anos; Margarida Maria Ferraz Rodriguez 10 anos; Maria Alice Corrêa 14 anos; Maria Cláudia M. Miranda 2 anos; Maria Isabel Ferraz Rodriguez 4 anos; Maria Lúcia Braga de Carvalho 9 anos; Maria Lúcia Duarte Pedrosa 11 anos; Maria Lúcia Santos Jansen 9 anos; Maria Suely Lapenda de Souza 11 anos; Maryse Lafayette Tapajós Gomes 10 anos; Mauro Haddock Lo-

bo 8 anos; Pedro Oswaldo Cruz 8 anos; Ricardo Afonso Ferreira 8 anos; Rogério Praça de Carvalho 4 anos; Ruth Maria Monteiro 6 anos; Sergio Moniz Sodré Corrêa de Menezes 12 anos.

Estiverem presentes à inauguração: Embaixadores Maurício Nabuco e Carlos Martins Pereira de Souza; Embaixador Gilbert Arvengas; Senador Marcondes Filho; Deputados Carlos Luz e Ovídio de Abreu; Ministro Ranulpho Bocayuva Cunha e sra.; Ministro Hugo Gouthier e sra.; sra. Horácio Lafer; sr. e sra. Pedro Calmon; dr. Paulo Bittencourt; sra. Cecília Meirelles, sra. Dinah Silveira de Queiroz; sra. Gabrielle Mineur; sr. Raymundo Castro Maya; sr. Harold Spence; os artistas Maria Martins, Margaret Spence, Vera Bocayuva, Noêmia Mourão, Cícero Dias, Antônio Bandeira, Roberto Burle Marx, Milton Goldring e sra., Abraham Palatnik e Frank Schaeffer; os críticos Jayme Maurício, Mário Pedrosa, Mário Barata, Quirino Campofiorito, Antônio Bento e Marc Bercowitz; sr. e sra. Paulo Celso de Almeida Moutinho; José Lins do Rêgo, José Simeão Leal; Carlos Amélio de Figueiredo, arquiteto Afonso Eduardo Reydi, sra. Carolina Nabuco, Lygia Fernandes, Lucy Teixeira, Martin Barral e sra., Arlindo Drummond, Ana Virginia Pessoa, Alcendina Guimarães e filha, Andreina Salvini, Alfredo Maurel Netto e sra., Anita Fernandes, A. de Maglowsky, sr. e sra. Aluísio Carvão, Annair Nogueira Bernachi, sr. e sra. Ari Monteiro Lopes, Alcinda Leal de Mello, Ana Luiza C. de A. Botelho, Abelardo da Fonseca e sra., sr. e sra. Alfredo F. Sedlmayer, Antônio Carlos de Paula Ramos, Aurea da Silva Leal, sr. e sra. Aprígio dos Anjos, sr. e sra. Adhemar Leite Ribeiro, Alberto Balassiano, Ailton Furtado dos Santos, sr. e sra. Adail Carva-

lho, Antônio C. Callado, Antônio Moniz Viana e sra., Aloisio de Paula, Ana Maria Martins, Agostina Rabbone Betancour, Carlos David, Carlos da Silva Ramos Perry, Conrado Wrzos, sra. Castro Freire, Carmen da Veiga Euler, sr. e sra. Carlos Gumerindo L. Rodrigues, Cândida Menezes, Claude Leprevost, Sec. da Emb. de França; Carlos Adolfo Gómez, Carlos Martins, Claude Vincent, Deina Portella Araripe, Diva Autran Mendonça Pinto, Dorcelino Moreira, Didi Caillet, Dora Castro Menezes, Ermínia Bissetto da Costa, Elisa Silveira, Elsa M. Oribe, Eurico Nogueira França, Edgar Alencar, Eneas Silva, Elinda M. Lain, Frederico Kautz, France Dupaty, Flávio da Silveira Lobo, sr. Francachi, sr. Ferreira da Rosa, Flora Maria Monteiro Vieira, Floreal Betancour, Geraldo Jurgensen, Gilberto Calixto de Souza, Gisele Maria Coelho de Almeida Goulart, Gilda Maria Monteiro Vieira, sr. Goulastron, Henrique Goulart, Henrique Altertheim e sra., Henrique Ferreira Filho, Hécio Trajano Gadret, Heitor Grillo, Hilde W. Abramo, Hélio Jaguaribe, Hugo Meira Lima, sr. e sra. Ismar Gama Fernandes, sr. e ra. Ivan Serpa, Irma Schinca, Izidro da Costa Peixoto, Ivan Londres e sra., Irene Fernandez e Mello, José Kanan Mattei, sr. e sra. José M. Gomide, sr. e sra. José Piquet Carneiro, José Ribamar Ferreira, João Cavalcanti, Jorge Machado Moreira, Jayme Marques da Luz, José Conde, Jacy do Valle, Julio Leça, Juarez Bonelli, srta. Lilyan Schartzkopf, Lothar Bauer, Luiz Bueno Filho, Leontina Figuer, Maria Helena Aranha, Marcel Silvere, Magali F. do Valle, Maria Frias, Marly Bastos, Mário Casasanta, Milton Goldring e sra., Maria Luisa Torrens, Marília Caldeira Brant, sr. e sra. Mauricio Haddock Lobo e filhos, Marly de Oliveira Santos Estrella, M. Pouessel, Milton Santos, Maria da Glória Rocha Santos, Maria de Lourdes Zillig, Marie Louise Bourgain, M. Therezinha Santos, Mário C. Sampaio, Meta Schuck, Mário Henrique Nacinovic, Maria Cândida Leão Velloso Ebert, Marguerite Sloper, Maria Goldring, Max Scheyer, Maria de Nazareth Moniz de Aragão, Maura de Senna Pereira, Maria Alice Corrêa, Maria Cláudia Mesquita e Bonfim, Nara B. Oliveira, Nathaniel Dantas, Desembargador Narcélio Queiroz, Nadyr do Valle, Ozeas Botelho Fernandes, Orlando Assumpção, Olga Medawar, Ophélia de Argollo Moniz

Sodré, Otávio Carneiro Lins, Olga Reinheimer, sra. Pierrefort, Péricles Monteiro Jr., sr. Pirmez, Peregrino Jr., Paulo Moura Brasil e sra., Renato de Sá Jr., Rossini Quintas Perez, Roland Faure Jr., R. M. de A. Neves, sr. e sra. Renato de Mendonça, sr. Spiler, Mme. Silvere, Sylvia de Barral, José Cesar Borba e sra, sra. Stanislaw Barcinski, sr. e sra. Santiago Fernandes, Dr. Silva Rabelo, srta. Simone Goldring, Sylvia Rezende, Stela Nogueira de Rezende, Thomaz Ribeiro Colaco, Tereza Maços, Terezinha de Jesus E. Pinheiro, Thea Pereira, Theodoro Arthou, Vicente Lima, Walter Soares, Wilson Bodstein, Werner Relcing.

ARVORE DE NATAL

Na festa da inauguração da exposição, destacava-se lindamente a bela árvore de Natal feita por Roberto Burle Marx, em tons alegres e festivos, adornada com bolas multicores, traduzindo em si a beleza dos festejos de fim de ano e a intensidade cromática daquele mundo de fantasia que é a simpática exposição.

A PRÓXIMA EXPOSIÇÃO DO MUSEU

Realiza-se, no dia 15 do corrente, às 18 horas, a Exposição do Patrimônio do Museu, enriquecido com as últimas doações.

Essa mostra será apresentada em comemoração à passagem do 1.º aniversário do Museu.

DESENHOS DE PORTINARI

Encontram-se à venda, no Salão de Exposições deste Museu, os seguintes desenhos de Cândido Portinari:

Fuga do Egito
Cangaceiro
Menina
Cabeça de Mulher
Cavalos.

SÓCIOS

O Museu tem as seguintes categorias de sócios: Benemérito, Remido, Efetivo, Contribuinte e Correspondente.

Sócio Benemérito será aquele que fizer doação de valor excepcional ou prestar concurso relevante às atividades do Museu.

Sócio remido será aquele que fizer o pagamento de pelo menos Cr\$ 10.000,00 ou doação deste valor.

Será sócio efetivo o que, além da mensalidade de Cr\$ 25,00 contribuir com

jóia não inferior a Cr\$ 2.000,00 ou que fizer doação de obra de arte, que não seja de sua própria autoria, aceita pela Comissão Executiva.

Será sócio contribuinte aquele que pagar a anuidade de Cr\$ 250,00 ou contribuir com Cr\$ 25,00 mensais.

Será sócio correspondente o que, residindo fora do Distrito Federal, auxiliar o Museu pagando anuidade ou prestando serviços de acordo com a Comissão Executiva.

O QUE O MUSEU JÁ OFERECE A SEUS SÓCIOS

- | | |
|---|--|
| 1) Convite para todas as inaugurações; | as iniciativas do Museu; |
| 2) Entrada gratis no Museu com a apresentação da carteira de sócio; | 5) Acesso à pequena biblioteca do Museu; |
| 3) Participação nos cursos de pintura, escultura, modelagem e outros que se vão formar; | 6) 15% de abatimento na aquisição de livros, reproduções e cartões de Natal. |
| 4) Convites para conferências e tôdas | 7) Este Boletim mensal, gratis. |

NOVOS SÓCIOS DO MÊS DE DEZEMBRO

Benemérito:

João Carlos Vital.

Remidos:

Juscelino Kubitchek de Oliveira, Jair Negrão de Lima, Theodoro Arthou, Fernando Soares de Sampaio, Margaret Spence.

Efetivos:

Alberto Braga Lee, Stanislaw Barcinski, Iseu de Almeida e Silva, General Heitor Pedroso, Otávio Rodrigues Lima, Pretextado Tabor da Junior, Geraldo Baptista, Patricia Soares de Sampaio, Alvaro Luiz Bocayuva Catão, Francisco João Bocayuva Catão.

Contribuintes:

José de Segadas Vianna, Hanne Rosenberg, Arlindo Ribeiro Fraga, José Lins do Rêgo, Dulcília Almeida Roma de Paula, Alberto Dezón, Renato de Mendonça, Augusto Vicente Vianna Junior, Elias Kauffman, Marília Caldeira Brant, Onaldo Maciel, Aminadav Palatnik, Thereza Leão Velloso Ebert, Maria Cândida Leão Velloso Ebert, Manoel Antônio Dias, Santiago Fernandes, Ismênia Tunês Dantas, Marina Barata, Jorge de Moraes Grey, Jean Gerard Fleury, Zelinda de Queiroz Lee, Isabel D. da Cruz Afonso Fer-

reira, Yolanda Barboza, Maria Auróra Alves da Motta, Maria Leonor Albuquerque de Saboia e Silva, Josephine Spitzman Jordan, Antonio Carlos de Paula Ramos, Lilyan Schwartzkopf, Hilde Weber Abramo, Ubaldina de Carvalho Muller, Deina Portella Araripe, Maria Cardoso Sampaio, Anna Letycia Quadros, Maria Duarte Pedroza, Mário Cunha Pires de Amorim, Nelson Hannequim Dantas Filho, Mário Barata, Arthur Bernardes Alves de Souza, Alvaro Soledade Machado, Martha Pacheco Marques, Eurico Teixeira de Freitas, Carlos David, Lucette Laribe, Yedda Lúcia Jardim de Campos Pitanguy, Adeildo Viegas de Lima, Lygia Clark, Trajano Coltzesco, Sérgio Nunes de Magalhães Junior, Pier Giovanni Zancope, Adolf Hermann Steger, Graciema Machado, Kurt Spieler.

TRANSFERÊNCIAS

De Sócio Efetivo para Sócio Remido:

Ivan Serpa.

De Sócio Contribuinte para Sócio Remido:

Francisco de Paula Lemos Bolonha e Milton Goldring.

De Sócio Contribuinte para Sócio Efetivo: Lygia Fernandes.

LIVROS SOBRE ARTE

Encontram-se à venda, no Salão de Exposições do Museu, os seguintes livros sobre Arte:

Arts of the South Seas por R. Clinton, P. S. Wingert e René d'Harnoncourt; Bonnard por John Rewald; Braque de Henry R. Hope; XX Century Italian Art por Alfredo Barr e J. T. Soby; "Nus" — Lucas Granach por Christian Zervos; Contemporary Painters por James Thrall Soby; Charles Demuth de A. C. Ritchie; Fantastic Art and Dada Surrealism por George Hugué; Florine Stettheimer de Henri McBride; Gabo e Pevsner por Ruth Olson e Abraham Chanin; Henry Moore por J. J. Sweeney; Henri Rousseau de D. C. Rich; Indian Art of the United States por F. H. Douglas e R. d'Harnoncourt; Paul Klee por Barr, Feininger e Sweeney; Paul Klee (Paintings, Drawings and prints); Fernand Leger (Oeuvres de 1905 a 1952) por Christian Zervos; Joan Miro por João Cabral de Mello, d' "Os Cader-

nos de Cultura"; Modern Drawings por Wheeler e Rewald; Modern Painters and Sculptors as illustrators por Monroe Wheeler; Painting and Sculpture Acquisitions (July 1, 1949 to July 1, 1950); Carnet de Dessins de Picasso (reproduits au format de l'Original); Dessins de Picasso por Christian Zervos; Pintura Brasileira — I, Publicação do I.B.E.C.C.; Roteiro de Arte por Santa Rosa d' "Os Cader-nos de Cultura", Fouault's Paintings & Prints por J. T. Soby; Soutine de Monroe Wheeler; Stuart David de J. J. Sweeney; The History of Photography (from 1839 to the present day); The History of Impressionism por John Rewald; Edward Weston de Nancy Newhall; The Sculpture of Nadelman por Lincoln Kirstein; As artes plásticas no Brasil, sob a orientação de Rodrigo Mello Franco de Andrade; e Bahia em 15 estampas, de Noêmia.

Os sócios do Museu têm direito a um desconto de 15% sobre o preço marcado.

CURSOS DE PINTURA E MODELAGEM

É o seguinte o horário dos diversos cursos de pintura e modelagem do Museu:

Pintura

Professor Ivan Serpa:

Terça-feira — 18,00 às 20,00
Quinta-feira — 18,00 às 20,00
Sexta-feira — 18,00 às 20,00 (aula teórica, dada no Museu para os alunos de todas as classes).
Sábado — 14,00 às 16,00 (para crianças, filhas dos sócios; 16,00 às 18,00.

Professor Milton Goldring:

Terça-feira — 15,00 às 17,00.

Modelagem

Professora Margaret Spence:

Terça-feira — 15,00 às 17,00

Quinta-feira — 15,00 às 17,00.

Os alunos da professora Margaret Spence estão recebendo aulas de escultura em pedra sabão procedente da Bahia.

As aulas dos diversos cursos do Museu estão sendo realizadas no Edifício do IPASE, por especial gentileza do seu Presidente, enquanto o Museu não tem a sua sede própria.

SÉDE PARA O MUSEU DE ARTE MODERNA DO RIO DE JANEIRO

Aprovada, na Câmara de Vereadores, a doação de 40.000 metros quadrados de terreno

O prefeito enviou no dia 26 de novembro à Câmara de Vereadores mensagem dispondo sobre a doação, ao Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, de 40.000 metros quadrados de terreno, situado na área resultante das obras de aterro que estão sendo executadas ao longo da avenida Beira-Mar, e destinado à construção de sua sede.

Argumentou o sr. João Carlos Vital que as finalidades da referida instituição, se ajustam às atuais preocupações do seu governo, de desenvolver, da melhor forma possível, um amplo programa de difusão da cultura. Quanto ao terreno pleiteado, situado em área reservada justamente à edificação das unidades de difusão cultural da Municipalidade, justi-

ficou mais ainda a instalação ali da sede do Museu, pois tal fato além de contribuir para o maior embelezamento do local, enriquecerá o conjunto com mais esse elemento, altamente eficaz, de propagação do conhecimento artístico moderno.

O prefeito examinou ainda na mensagem o dispositivo da Lei Orgânica que proíbe as doações, mostrando que o caso em espécie nele não se enquadra porque ao Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro são atribuídos vários encargos conforme o anteprojeto de lei que a acompanhava.

Na sessão noturna do dia 10 de dezembro, após o pronunciamento de alguns vereadores, foi a proposição aprovada, com apenas um voto contra.

PRÊMIOS PARA O

III SALÃO DE NATUREZAS MORTAS

Realizou-se, no dia 12 de dezembro, na ABI, a reunião do júri encarregado do julgamento dos trabalhos apresentados no III Salão de Naturezas Mortas.

O júri estava composto pela Sra. Nio-mar Moniz Sodré e Srs. Antônio Bento, Quirino Campofiorito, Mário Barata, Carlos Flexa Ribeiro, Jayme Maurício e Murilo Miranda. Não compareceram Mário Pedrosa, Celso Kelly e Flávio Motta, este último delegando poderes a Murilo Miranda para votar em seu nome. Depois de apurados os votos escritos, com ligeiros debates sobre os resultados, ficou decidido que os prêmios seriam distribuídos da seguinte forma:

Prêmio SESI, Cr\$ 20.000,00, para Lasar Segall;

Prêmio SAPS, Cr\$ 15.000,00, para Adolfo Bonadei;

Prêmio IPASE, Cr\$ 10.000,00, para Djanira;

Prêmio IAPETC, Cr\$ 10.000,00, para Gastão Worms;

Prêmio Equitativa, Cr\$ 5.000,00, para Yolanda Mohaly;

Prêmio Jornal de Letras, Cr\$ 5.000,00, para Hilda Campofiorito;

Prêmio Sul América, Cr\$ 2.500,00, para Lygia Pape;

Prêmio Lar Brasileiro, Cr\$ 2.500,00, para Frank Sheaffer;

Prêmio Augusto Schmidt, Cr\$ 2.500,00, para Lygia Clark.

O PROFESSOR

(Reportagem de Flávia da Silveira Lobo, publicada no

Na mesma sala do Museu Pedagógico de Paris em que conversei longamente, este ano, com a sra. François Trives, defensora apaixonada da antroposofia de Rudolf Steiner, estiveram, em 51, pinturas e desenhos de alunos de Ivan Serpa.

Esses trabalhos foram também expostos em outras cidades da França, sempre por iniciativa do educador e escritor francês Henri Dominique Segretain.

Segretain não esconde o seu entusiasmo pelo artista brasileiro e pelas suas realizações e se empenha em mostrá-lo à gente de seu país, porque, como diz ele, "c'est tout de même la France qui est le foyer d'où bresque tout part, et combien de peintres étrangers se sont fait connaître par la France!".

PAULINHO CHOROU — E VENCEU

Isso tudo me dá uma vontade enorme de assistir às aulas do Ivan. E sábado, alguns minutos antes de duas horas, estou eu em pé na fila do elevador do Ipase. Um grupinho irrequieto e barulhento espera comigo a vez de subir.

As mães, moças e bem-humoradas, conversam entre si. Uma delas conta a outra: Eu hoje não ia trazer o Paulinho, não. Ele pinta o sete lá em cima e eu fico exausta. Mas ele chorou tanto!

Os garotos estão aflitos. Felizmente, chegou a hora. Vai-se depressa ao 12.º, sobe-se correndo a escadinha e, daí a pouco, cada um se senta diante de seu cavalete.

TRABALHO GOSTOSO

O professor ainda não veio; não faz mal. A gente começa a trabalhar imediatamente, que é muito gostoso este trabalho.

Depois, a gente não precisa do professor para misturar as tintas e atirá-las no papel ou na tela.

A gente se adiantou, de impaciência. Durante toda a semana se esperou este momento, esta aula, muito mais divertida que um passeio à praça ou um chá de aniversário — nem se compara!

Esperar mais, impossível.

A presença do Ivan é um estímulo. Mas sua ausência não impede que se lancem às cores, com entusiasmo, garotos sábiamente habituados a não depender de ninguém.

Isso não significa que eles prefiram trabalhar sem o professor. O professor é amigo de verdade, e "liga" — conversa com eles, anima-os, e não os caceteia, não lhes tira o prazer de criar livremente.

"Eu misturei três cores e virou marron." E a menina me olha sorrindo, encantada com a descoberta.

A todo instante acontecem essas coisas maravilhosas.

FAZ DE CONTA

Mal o Ivan desponta, Paulinho se precipita. Reclama tinta — a dele acabou todinha.

O travêso, enfiado num avental branco, já besuntou os cabelos, o rosto, os braços, as mãos; já se arrastou no chão; já correu de lá pra cá. Só não incomodou os colegas ou lhes atrapalhou a atividade.

Agora, uma vez satisfeita a sua requisição de material, senta-se compenetrado e volta à pintura. A compenetração não dura muito. Algumas pinceladas, e pronto.

Paulinho tem três anos e nenhum constrangimento. Segura enérgicamente o pincel, enche-o de óleo, e avança.

Carlos Alfredo, dois anos, ainda não parou de desenhar. Dois anos, será que o Ivan me aceita? E Carlos Alfredo pediu se o Ivan podia fazer de conta que ele tinha mais um.

A CALOURA E A VETERANA

Maria Beatriz, três anos e meio, é caloura. A mãe pinta porcelana, ela acha bonito e quis pintar com o Ivan.

Nesta atmosfera agradável, não há, realmente, calouros. Todo o mundo se sente em casa. E Maria Beatriz, sem embaraço, sem acanhamento, trabalha satisfeita, com os novos amiguinhos.

O professor se aproxima e fala qualquer coisa; mas a miúda está muito ocupada para responder.

Lá no fundo, Analuce. Completou sete anos e não admite que ninguém o esqueça. "Seis anos, não; sete". Junto dela se postaram duas meninas que lhe observam atentamente os movimentos e, de vez em quando, trocam observações.

IVAN SERPA

"Correio da Manhã" de 7 e 14 de dezembro de 1952)

A tela grande não a intimida, não a assusta. Não a tolhem as inibições próprias dos adultos e das crianças mal orientadas, o medo de errar. E tudo que ela pinta é personalíssimo e de vigor extraordinário.

E' uma delícia ver essa porção de carinhas interessadas — a sala está repleta. O Museu de Arte Moderna escolheu bem o seu professor.

Livremente, alegremente, corajosamente — as crianças procuram, descobrem: e se expressam, e se educam.

Voltarei aos alunos de Ivan Serpa em outra oportunidade.

Mas não é só nas crianças que Ivan incute amor à pintura.

Os cursos para adultos são frequentadíssimos. Durante três meses o trabalho é de imaginação. Depois, vem a hora do modelo: — o aluno organiza a composição, e pinta.

A técnica depende naturalmente, das falhas e das qualidades, das tendências de cada um. Absoluta, a liberdade de cores.

Pintor abstrato. Ivan não força ninguém a seguir a escola abstracionista que não deseja destruir os seus afetos, cuja personalidade respalda, mas ajudá-los a realizarem-se.

— E como é que você chegou ao abstracionismo, Ivan?

Explicar é difícil. A evolução foi tão lenta, tão interior!

Não é verdade que ele não admite a figura. Admite, sim, quando o artista se expressa através do modelo. O que é preciso é que não se fique dominado pelas formas exteriores; o que é preciso é que saia alguma coisa de dentro.

O PRINCIPAL: A PINTURA

As críticas más não o impedirão de continuar, de avançar.

Pensa na organização de visitas a ateliers de colegas, para que as suas turmas possam observar os vários métodos de trabalho.

Não agora: os principiantes imitam, sem querer, o que lhes parece bom. Mais tarde: — uma vez passada a fase em que as obras alheias provocam choques perigosos; uma vez que os novos pintores se tenham encontrado e saibam aonde querem chegar.

Ivan me pede que não chame curso de História de Arte aos dados, às notas, que ele fornece aos seus alunos nas sextas-feiras. Não chamo.

Allás, é exatamente a ausência de rigidez, de pretensão, de cabotinismo, que me encanta nestas aulas. O mestre não é onipotente, onisciente, infalível; não é o mágico número um — nem, tão pouco, apenas, a criatura simpática com quem se trabalha agradavelmente.

De fato, raros professores conseguem, à maneira de Ivan, fazer da matéria ensinada — e não deles, professores — o centro de interesse.

Aqui, o principal, o importante, é a pintura. Ivan, na sua modéstia, na sua simplicidade, obteve o que muitos não conseguem depois de trinta anos de magistério.

Agirá ele por intuição ou por cálculo? Os resultados são os mesmos: — excelentes.

ISSO E' COM A SRA.

A sala encheu-se depressa.

Ivan dá-lhe, mansamente, a volta — parando aqui e ali. "Você já não está tão presa". "Na parede você foi muito bem." "Você melhorou o céu; criou coragem".

Findo o tempo combinado, passa-se ao exame dos trabalhos. Primeiro falam os alunos; depois, o professor.

Todos os quadros sofrem comentários — às vezes drásticos. "Tema escolar", "composição convencional", "desproporção", "tudo caído pra trás", "sem vida, sem cor", "não compreendo isso", "pescoço horrível, muito grosso", "não gosto de nada".

O professor é mais generoso. "A gente começa mesmo errando muito", "bonito esse azul e esse branco transparentes", "formação boa do rosto", "interessante o tratamento da cabeça", "mil vezes melhor que no princípio".

A generosidade não lhe impede, porém, a franqueza. Chama, serenamente, a atenção para os defeitos. Deixa, contudo, ao autor do trabalho o direito de defender-se, de discordar.

E não receita soluções. "Do lado esquerdo falta um elemento". — "E que é que eu podia pôr?" — "Ah, isso é com a sra.; não é comigo".

COMPLETA CAMARADAGEM

A palavra não pertence, nunca, exclusivamente ao Ivan.

Enquanto ele diz o que pensa, chovem os palpites. Os que não pensam como ele interrompem e expõem as suas teorias.

Sem se impacientar, sem tomar por insolência o entusiasmo apaixonado, aceita o professor, elegantemente, a discussão. Longe dele qualquer dogmatismo, qualquer espécie de torres de marfim.

O ambiente é animado, cordial, de completa camaradagem.

A timidez do Ivan sumiu. Restou a humildade do verdadeiro artista: "Ainda não conheço o 'a' da pintura. Cada dia me convenço mais que não sei nada."

Devêssemos nós ao Museu de Arte Moderna apenas as aulas de pintura para crianças e adultos — e já lhe deveríamos enormemente!

AUXILIO PARA A FUTURA SÉDE DO MUSEU DE ARTE MODERNA DO RIO DE JANEIRO

Parecer favorável do Sr. Carlos Luz e aprovação na Comissão de Finanças da Câmara, que considerou de grande alcance cultural a construção da sua própria séde.

Na sessão do dia 2 de dezembro da Comissão de Finanças da Câmara, o sr. Carlos Luz apresentou seu relatório sobre o projeto que abre o crédito de 10 milhões de cruzeiros, como auxílio para início da construção da sede do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

Foi o seguinte o parecer do Deputado Carlos Luz:

"De autoria do ilustre Sr. Deputado Jorge Lacerda — e esta simples citação de nome basta para recomendá-lo — o projeto em exame, nos seus dois curtos artigos, consagra e anima uma das mais nobres iniciativas dos últimos tempos no País: a criação do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

Não se trata de fundar ôsse centro de cultura artística. Seria, sem dúvida, essa, uma das tarefas mais caras ao legislador, que não pode descurar da educação popular, em todos os seus matizes, devendo, por isso mesmo, pôr-se à frente de movimentos que tendam a realizar aquêlo objetivo, instalando escolas, museus, exposições de arte.

Essa é função precípua do poder público, através dos seus órgãos constitucionais, pois, "não é possível estar dentro da civilização e fora da arte."

Se no Império, conforme observa Fernando de Azevedo, na sua monumental "A Cultura Brasileira", a educação estética do povo não passava de um sonho de raros idealistas, já nos últimos decênios, depois da Grande Guerra, e, principalmente, depois da revolução nacional de 30, se acentuam e "brilham os sinais, evidentes em algumas grandes cidades, de um interesse cada vez maior pelas artes, em tôdas as suas manifestações". E fatores diversos concorrem para "dar à atmosfera cultural do País uma pressão suficiente para suscitar, nos artistas, novos meios de expressão e fazer dêles focos em que se intensifiquem e se tornem luminosos os modos de sentir, próprios de uma época e da vida nacional."

Nasce o gôsto pelas artes modernas, a arquitetura, a escultura, sobretudo a pintura, e os nossos artistas adquirem personalidade própria e se projetam nos mais adiantados centros de cultura do mundo, levando-lhes o cunho de ouro das suas produções: a arquitetura brasileira, a escultura brasileira, a pintura brasileira.

Como não dar agasalho a essas manifestações da inteligência nacional? Como não propiciar meios para o desabrochamento, a revelação e a consagração de novos artistas?

Os museus exercem, a êste respeito, papel preponderante, mesmo que se limitem à simples exibição de obras artísticas, o que não constitui a única finalidade do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Este, não educa apenas mostrando, mas ensinando diretamente a dezenas de alunos que frequentam os seus cursos. E', pois, um viveiro, um criador de artistas. Poderia e deveria ser fundado pelo poder público. Mas a fina sensibilidade de um grupo de brasileiros, à frente o grande temperamento artístico e a tenacidade bem feminina de Niomar Moniz Sodré, tomou a seu cargo essa missão de tão propícios resultados: fundou o Museu e o vem mantendo carinhosamente. A casa já é um dos orgulhos da cidade. Não há hóspede de categoria que lhe não visite as instalações, para depois proclamar-lhe a real benemerência.

Quanto custou ao erário público? Praticamente nada. Funciona provisoriamente no pavimento térreo do Ministério da Educação, adaptado e decorado para o seu novo e nobre mister.

Seis grandes exposições levaram às suas galerias cerca de 50.000 pessoas, desde a sua inauguração, em 15 de janeiro dêste ano, com a mostra do seu próprio patrimônio artístico e de trabalhos da I Bienal de São Paulo. E aplaudimos depois "Artistas Brasileiros", "Goya e a sua gravura espanhola", "Arquitetura brasileira contemporânea", "Tapeçarias modernas francesas", "Trabalhos de Cícero Dias", ainda em exibição.

Prepara-se o Museu para sua sétima exibição, esta de caráter escolar, pois constará de trabalhos dos alunos dos seus cursos, demonstrando a eficiência dêstes e o talento dos que os frequentam.

Mas, valerá a pena difundir a arte moderna? E' dever iniludível da nossa geração fazê-lo. Se no conceito de esclarecido crítico de arte, Mário Pedrosa, ainda nos baloçamos no vácuo no que diz respeito à interpretação do mundo, tão longe da realidade quanto as tribos de Papua, e se a nossa visão das coisas e do mundo é de trezentos ou quatrocentos anos passados, resta-nos educar e aprimorar as nossas tendências artísticas e desenvolver trabalho de persuasão e de esclarecimento, que não é fácil, salienta outro ilustrado crítico, Antônio Bento, de modo a explicar "ao público o que essa arte representa e significa."

Vem a talho o que êste último crítico recorda — o trancamento do salão oficial a artistas como Manet, Cézanne, Monet, Renoir, Pissarro, Sisley e Bêrthe Morizot, cuja exposição, no Salão dos Re-

cusados, constituiria, depois do incêndio da Ópera — escrevia o "Figaro" — "un nouveau désastre qui s'abat sur le quartier". Os expositores eram "cinq ou six aliénés".

Eis aí, loucos, os pintores admiráveis que ainda hoje conservam o cetro da sua arte!

O Museu de Arte Moderna tem papel definido no campo da sua especialidade. Não é uma experiência: é a realidade brilhante. Teve citação oficial na mensagem presidencial de 15 de março dêste ano:

"Atendendo à necessidade de contribuir para propagar e apurar o conhecimento público das manifestações de maior importância ocorridas na esfera das artes plásticas contemporâneas, o Governo Federal autorizou o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro a utilizar parte do pavimento térreo do edifício do Ministério da Educação e Saúde para sede temporária da referida instituição, uma vez que fôsse incumbido de elaborar o projeto de adaptação desejada o principal arquiteto do próprio edifício do Ministério.

A construção foi realizada sob fiscalização cuidadosa dos órgãos competentes da administração e, embora fôsse obra permitida, apenas, a título precário, teve execução esmerada, constituindo a sua inauguração acontecimento cultural de grande relevância, pelo interesse extraordinário que o público de tôdas as camadas sociais manifestou em face das obras de arte moderna ali em exposição. Por tal forma, o Governo procura estimular o surto artístico do país, nas suas expressões mais livres e vigorosas."

E que pretende essa grande casa, destinada a estimular o surto artístico do país, nas suas expressões mais livres e vigorosas? Que se lhe construa a séde, orçada em cerca de 50 milhões de cruzeiros? Que se lhe custeiem as instalações, calculadas em mais 10 ou 20 milhões? Nada disso. E seria justo que o solicitasse, pois a instituição se sobrepôs a tarefa que incumbe à administração pública.

Partiu da Câmara, de um representante do povo que trás na frente os louros da sabedoria, a iniciativa de ir ao encontro dessa fecunda iniciativa, como sinal de que o Poder Legislativo reconhece a benemerência da obra e dela deseja

participar, contribuindo com uma parcela para a construção do edifício que a vai abrigar e torná-la permanente.

O terreno em que se levantará o edifício fica na Esplanada do Calabouço, próximo ao Aeroporto Santos Dumont, e vai ser objeto de doação da Prefeitura, conforme mensagem dirigida à Câmara dos Vereadores pelo Sr. Prefeito, e terá a área de cerca de 10.000 metros quadrados.

O edifício, cujo projeto a Comissão de Finanças pede examinar neste ato, conterà, além de vestibulo, peças para vestiário, bilheteria, secretaria, venda de impressos e reproduções, salas para exposição permanente (patrimônio do Museu), salas para exposições temporárias, documentação, biblioteca, mapoteca, fototeca, filmoteca, discoteca, auditório para conferências, projeções e concertos, salas para cursos de pintura, desenho, gravura, modelagem, e escultura, laboratórios químico e fotográfico, "atelier" para conservação e reparação de obras de arte, depósito de quadros e obras de arte, almoxarifado, oficinas, embalagem, administração, restaurante, pavilhão para cerâmica.

concluindo, poderíamos repetir, em relação a êle, palavras de Ruy Barbosa, quando da inauguração do Liceu de Artes e Ofícios: "Abri os olhos no seio dêle e, involuntariamente, perguntarei: E' o Brasil? Eu ia perguntar: E' a rotina? Não. E' uma visão realizada. E' uma miragem colhida por um gênio. E' um oásis no areal. E' o futuro."

Diante disso, a conclusão não poderá ser outra: a aprovação do projeto, tal como está redigido, isto é, concedendo o crédito especial de 10 milhões de cruzeiros para a construção pretendida, rejeitada a emenda da Comissão de Educação e Cultura.

Sala "Antônio Carlos", em 2 de dezembro de 1952. — CARLOS LUZ, Relator."

A IMPRENSA E O MUSEU

Não conheço o deputado Ranieri Mazzilli, uma falha para um cronista de arte. Trata-se de um homem de idéias altas que terá grande satisfação quando puder conhecer e cumprimentar pelo seu vitorioso projeto isentando dos direitos alfandegários, impostos e taxas de importação, a aquisição no exterior de obras de arte destinadas aos museus e instituições sem finalidades comerciais. Ficou apenas — é justo — o imposto de previdência (2%). E uma decisão acertada — comissão para examinar os pedidos de isenção. As coleções dos nossos museus poderão agora melhorar e lucrar a cultura artística do país. O nome do deputado Mazzilli deverá ser guardado com estima pelo mundo artístico. Significativa também foi a circunstância de ter a Câmara Federal aprovado rapidamente o projeto sem maiores discussões e justificação. Inclina-se os representantes do povo para o plano da cultura com boa vontade, sabedores afinal de que um país se impõe no concerto das nações civilizadas pelo seu nível cultural. A opinião poderá parecer meio ingênua para alguns sarcásticos e desencantados. Mas mesmo numa época como a nossa, ela ainda exprime a verdade, felizmente.

(Jayme Maurício - "Correio da Manhã",
23-11-52.)

O LEGISLATIVO MUNICIPAL E AS ARTES

A Câmara dos Vereadores aprovou recentemente o projeto de lei orçamentária concedendo afinal diversos auxílios solicitados para instituições culturais de caráter particular. Esses auxílios estavam destinados, em grande parte, a diversas organizações de artes plásticas. Daí a minha irritação com o vereador Venerando da Graça, relator da verba que forneceria essas ajudas, ao vê-lo recusar e reduzir quase todas, numa atitude estranha e inexplicável. Em boa hora, porém, Paschoal Carlos Magno saiu da sua tranquilidade, e manifestou-se intransigente com seu colega temporário. Este meu vizinho da mesa ao lado é homem pacífico e bem educado no plenário da Câmara, mas tratando-se de defender o teatro, a música e as artes, o italiano que mora nele acorda, em grandes braços acenando aos seus opositores com um sotrana "vendetta"... O Sr. Venerando da Graça, de nome tão simbólico, achou melhor não irritar este nosso companheiro. E assim foram conservadas no orçamento municipal para 1953 as subvenções ao Retiro dos Artistas Plásticos, à Sociedade Brasileira de Belas Artes, à Associação dos Artistas Brasileiros e ao Museu de Arte Moderna do Rio.

Aliás, este auxílio ao Museu de Arte Moder-

na tem uma outra história. Paschoal apresentou o projeto em março último argumentando que a instalação do Museu obrigava seus organizadores a despesas consideráveis que não deviam correr exclusivamente por conta dos particulares, tendo o governo municipal obrigação de auxiliar uma obra que afinal de contas só viria prestigiar a própria cidade. Esse projeto recebeu parecer favorável do vereador Luiz Paes Leme, presidente da Comissão de Justiça. Toda uma série de proposições, entretanto, retardou sua aprovação. Foi aí que o sr. Luiz Paes Leme, numa atitude enérgica e simpática, resolveu então apresentar uma só indicação ao orçamento — mandou incluir na tal verba 100 (Auxílio s Consignações), a soma de quinhentos mil cruzeiros solicitada anteriormente.

E anteontem a Câmara aprovou em terceira discussão o orçamento de 1953 com o auxílio ao Museu de Arte Moderna do Rio e às outras instituições artísticas.

Entre tantas acusações que pesam sobre os vereadores cariocas, em benefício da verdade, é necessário evidenciar que se falharam noutras atividades, no que diz respeito às artes agiram neste fim de ano com louvável bom senso e acerto. Esperemos, pois, que estes ventos soprem também sobre a mensagem do prefeito Carlos Vital solicitando à Câmara a concessão do terreno destinado à construção da sede definitiva do Museu de Arte Moderna do Rio, cuja utilidade a opinião pública tem proclamado e os vereadores acabam de reconhecer, como também em todas as casas legislativas do Distrito Federal.

(Jayme Maurício - "Correio da Manhã",
29-11-52.)

CÍCERO DIAS

O Museu de Arte Moderna fez, com a mostra de Cícero Dias, sua primeira exposição individual. É esse um fato auspicioso, pois demonstra na alta direção do Museu um propósito cultural definido, o que é o oposto às confusões do ecletismo.

A arte dita moderna já saiu do vago, das imprecisões dos primeiros tempos. Não basta uma pequena deformação aqui ou acolá de uma perna ou de orelha num desenho acadêmico, para assegurar ao autor o epíteto de "moderno". Ainda hoje, no entanto, há por aqui artistas, pintores de grande nomeada e prestígio que ainda se mantêm nessa confusão dos primeiros tempos.

Ainda é comum sustentar-se que um pintor precisa "ter técnica", "métier". Ninguém discute assim nessa primeira e, no fundo, alvar afirmação, a sua banalíssima verdade. Mas quando se vai ver o que entendem por "técnica" ou "métier" se fica sabendo que são as regrinhas codificadas posteriormente, pelas academias oficiais, das fabulosas experiências e descobertas dos mestres do Renascimento. Entre essas regras estão os truques da perspectiva linear, da perspectiva aérea, da gradação de tons e melos-tonos, da unidade do claro-escuro e sua escala de valores, da iluminação submissa a uma coerência externa, etc. De modo que o artista precisaria primeiro aprender o "métier", para depois esquecê-lo e encontrar enfim a sua linguagem.

A importância da atual mostra de Cícero Dias está em que dentre todos os nomes consagrados da atual pintura brasileira é ele quem fala a linguagem mais moderna. Está longe de possuir as virtualidades técnicas que são, no entanto, o lastro de irremediável ecletismo de Portinari. Muito falta ainda para alcançar, aquela profundidade, aquela sabedoria pictórica de Segall, enfeixada porém num incurável e anacrônico saudosismo expressionista. Também não tem as riquezas temperamentais cromáticas da melhor pintura de Di Cavalcanti, cheia de ressonâncias, mas que não vai além de um sensualismo individual e romântico. A pintura de Cícero Dias debate-se dentro das contradições de uma personalidade ao mesmo tempo instintiva e cerebral. Não medela entre esses dois polos nenhuma passagem, isto é, nenhum romantismo.

Paris despojou-o do início romântico de sua primitiva fase que não se sabe porque está representada na atual exposição. Entre parênteses: quiseram dar a essa mostra caráter retrospectivo. Foi um mal. A parte dita primitiva que ali está não funciona no meio das coisas mais recentes do pintor. Ali está como recordação sentimental de alguns amigos seus. E a prova é que marca na sala, sem transição, violento contraste com o começo das fases posteriores, estas, sim, representativas da verdadeira pintura do artista. Isso se pode ver distintamente na própria sala da exposição, quando saindo do simbolismo cromático inicial, com um abuso de cores sentimentais, de matéria monótona, sem riqueza, o olhar choca-se com os verdes berrantes, a matéria violenta (não se discute aqui o gosto) de "Folha de bananeira" e outras telas.

Da mostra realizada no Museu de Arte Moderna de São Paulo, organizada pelo próprio artista, não constava aquela fase dita primitiva e por isso mesmo ganhou ela em apresentação e homogeneidade. Ela permitiu colocar o problema da verdadeira arte moderna através a obra individual de um artista, de modo mais positivo, concreto e educativo.

Com sua fase embrionária, tal como se vê agora no Museu de Arte Moderna do Rio, o público, isto é, o público que conta — jovens que se iniciam e artistas que comparam, medem e julgam — é de algum modo desorientado, ou por outra, convidado a escolher, a comparar coisas heterogêneas: uma pintura primária, sentimental, simbólica, de melos de expressão ainda literários com uma pintura mais desabrocha-

da, violenta, despojada, que procura ardentemente uma linguagem puramente plástica.

É preciso esperar que Cícero tenha chegado aos oitenta anos, ou deixado de viver, para uma verdadeira retrospectiva sua. Ele está ainda em pleno vigor, e sobretudo em exolucção. Pelos cânones europeus, pelo estalão do mundo artístico, esse homem mal entrado nos quarenta anos é ainda um moço. Além do mais as suas preocupações atuais nada têm a ver com o balbúcio dos primeiros tempos. Filiado às correntes ditas "abstratas" da arte contemporânea o que ele quer mostrar são as suas realizações nesse campo. E é precisamente isto o que interessa de sua obra.

Em que medida ele é artista "abstrato"? Em que medida seus melos de expressão são adequados ao pensamento criador que o dirige? Em que medida realiza o que quer? Quais as características mais marcantes de sua arte? Por que qualidades ele se distingue entre as primeiras figuras da atualidade pictórica brasileira? Que problemas sua pintura atual enfrenta, tanto no ponto de vista técnico como estético?

Em que medida esse artista cerebral e instintivo, que guarda dentro de seu cosmopolitismo tão fundas raízes com sua terra pernambucana, esse parisiense de adoção, é artista brasileiro?

De qualquer forma ele não é mais o menino do engenho melancólico de outrora. Nada é mais regional em sua arte de hoje. Mas conserva, porém, de Pernambuco, certos elementos essenciais: o ar, a terra, cores tropicais, a luz atmosférica.

Seu ângulo de visão é facilmente do alto, como o do pássaro. Em 1947 escrevi que ele "via a terra de cima, como se estivesse trepado no alto de um coqueiro. A luz branca tropical que ficou nas suas telas de Paris vem desse ângulo de visão."

Outro dia, em conversa com E. Rogers, o arquiteto e teórico italiano de tanta nomeada nos melos de vanguarda, que por aqui passou, tive ocasião de ouvi-lo sobre exposição de Cícero em S. Paulo. Ele declarava que a perspectiva de Cícero é comumente do alto, como vista de avião. Essa identificação de pontos de vista entre o crítico brasileiro e o crítico italiano dá bem uma medida de como se refletem na pintura desse curioso pintor brasileiro, os problemas mais atuais da estética contemporânea. E dentre esses, o problema do espaço é talvez o número um, pois nele se consubstanciam não somente as aquisições de uma época, como seu espírito, sua fabulação mitológica e sua metafísica. Voltaremos para discutir os pontos aqui levantados.

(Mário Pedrosa - "Tribuna da Imprensa",
29-11-52.)

A FUTURA SÉDE DO MUSEU DE ARTE MODERNA

O Ministro Simões Filho teve um gesto de indiscutível visão política (e por que não dizer também artística?) ao permitir que o Museu de Arte Moderna, mal aninhado inicialmente numa sala perdida nas alturas do Banco Boavista, construísse uma sede provisória, no pavimento térreo do Ministério da Educação.

Graças a Oscar Niemeyer, o acréscimo não se transformou num ultraje ou num atentado contra a bela estrutura do edifício, que tem dado tanto prestígio à arquitetura moderna no Brasil.

Estimulada pela boa vontade e pela prestigiosa hospitalidade do titular da pasta da Educação, a diretoria do Museu trabalhou com enorme entusiasmo, durante todo o ano de 1952.

Realizou uma série de exposições de sucesso, a começar pela apresentação dos trabalhos premiados na I Bienal de São Paulo. Vieram depois uma mostra de artistas brasileiros, uma seleção de gravuras de Goya, a Exposição de Arquitetura Brasileira Contemporânea e agora a Retrospectiva de Cícero Dias. Instituiu um prêmio de viagem para um jovem artista brasileiro que não tivesse conhecido a Europa atribuído ao gravador Yllen Kerr.

Referindo-se ao interesse manifestado pelo público, diante das exposições organizadas, D. Niomar Moniz Sodré, diretor executivo, afirmou que, não contando com as pessoas que têm comparecido às solenidades, conferências e inaugurações do Museu, de 15 de janeiro até hoje, recebeu cerca de sessenta mil visitantes.

Uma boa parte das pessoas que compareceram às diversas exposições não era partidária da arte moderna. Todavia, muitos saíram do Museu com suas convicções abaladas.

Uns gostam, outros não gostam — afirmou D. Niomar Moniz Sodré. Tudo isso é natural, mesmo porque não existem opiniões unânimes em matéria de arte. O importante é que o Museu exerça a função educativa para a qual foi criado — e que seja visitado por muita gente. Que uns gostem, outros protestem, outros fiquem furiosos! Não importa a reação. Queremos apenas que o público se interesse pelas nossas iniciativas.

— E a sede nova virá dentro de algum tempo?

— Depende do terreno que, esperamos, seja em breve doado ao Museu pela Prefeitura, assunto que foi objeto, há poucos dias, de uma mensagem do Prefeito João C. Vital, à Câmara dos Vereadores. Com os recursos financeiros que nos serão fornecidos pelo Congresso Nacional, em virtude do projeto apresentado recentemente à Câmara Federal pelo deputado Jorge Lacerda, daremos início à construção. Esperamos ainda este mês contar com a doação do terreno e a votação final do crédito de dez milhões de cruzeiros, a fim de preparar o nosso programa de trabalho para 1953 — de que a construção da nossa sede será naturalmente a iniciativa mais importante — concluiu D. Niomar Moniz Sodré.

Suponho, ou antes, espero que a futura sede do Museu de Arte Moderna venha a superar em beleza e, naturalmente, em importância arquitetônica, o Ministério, de cujo corpo se desligou. Reunir o melhor das artes plásticas do Brasil em seu novo edifício, ultrapassando tudo quanto se fez de grande aqui, deve ser o projeto

atual da Diretoria do Museu e de todos quantos se interessam pelo desenvolvimento da arte moderna em nosso país.

E não há dúvida de que isso vai ser feito, desde que seja doado o terreno e a Câmara Federal vote os créditos necessários à realização dessa grande obra.

(Antônio Bento - "Diário Carioca", 2-12-52).

A EXPOSIÇÃO DE CÍCERO DIAS

A crítica francesa, tratando da arte abstrata de Cícero Dias e fazendo referência a algumas de suas cores, notadamente os verdes, tem procurado ligá-las ao Brasil. Diante dos quadros não-figurativos incluídos na exposição, agora aberta no Museu de Arte Moderna, Flávio de Aquino viu paisagens e cidades brasileiras, enquanto José Lins do Rêgo, tocado pelo nativismo ("o nativismo que não é exótico, mas o comum, o natural, o quotidiano") lembrou-se da terra pernambucana, ou da estrada do seu velho engenho, sentindo "o cheiro dos cajás maduros, o vando o encarnado dos mulungús, como mastros de navios ancorados no verde da mata".

A magia da cor tem poderes sobrenaturais, chegando a essas legítimas explosões de poesia, perfeitamente admissíveis na boa crítica de arte, de que Baudelaire foi, no gênero, um mestre incontestável.

Infelizmente, os artistas abstratos e seus teóricos são inimigos irreconciliáveis da crítica poética, reclamando inclusive uma terminologia nova para o conhecimento e a apreensão dessa nova plástica.

Disso se conclui que, filiando-se ao abstracionismo, Cícero Dias deveria ter feito, desde logo, um voto de obediência aos princípios de sua corrente artística. Contudo, são humanos seus propósitos de permanecer em plena Europa, ligado ao seu país. Foi por isso que continuou avaro a um compromisso mais profundo com os princípios estéticos da arte não-figurativa, numa tentativa de continuar fazendo pintura brasileira.

Talvez isso tenha mesmo acontecido, pela intenção do artista em firmar de início uma "personalidade" diversa, no meio da multidão dos abstratos de Paris. É possível também que o artista tenha desistido de romper deliberadamente os laços que prendiam sua fase figurativa ao Brasil, menos por sentimento patriótico do que pelo empenho de tornar "expressiva" sua pintura. Esta é hoje, no mundo inteiro, a grande ambição dos abstratos que, nesse sentido, vêm fazendo esforços dramáticos.

Será incompatível a arte nacional com a plástica não-figurativa? Não quero, no momento, fazer especulações ou conjeturas nesse domínio. Limite-me a observar que se tem falado em certas ligações de Kandinsky com a arte oriental; mas a verdade é que esse constitui o aspecto menos característico, o menos importante de sua pintura. Aliás, diga-se de passagem, se ouvesse qualquer possibilidade estética desse pintor ser considerado como um representante da arte rus-

sa, o governo de Moscou já o teria glorificado há muitos anos, reivindicando, ao mesmo tempo, para o seu povo, a criação do abstracionismo, como tem acontecido com outras descobertas e invenções. Ao contrário, Kandinsky foi oficialmente excomungado e é até hoje tido como um representante da "arte burguesa decadente", que não pode ser confundida, de nenhum modo, com a "arte nacional russa".

Idêntica observação cabe ser feita no tocante à obra não-figurativa de Cícero Dias, a qual não deve ser considerada como "estritamente brasileira" nem como uma arte "autoctone", segundo opinava Flávio de Aquino.

Estou fazendo esta observação de acordo com as tendências irresistíveis da arte abstrata que tanto em matéria de forma como de conteúdo, é contrária a qualquer ligação de caráter nacional ou a qualquer representação do sentimento nacional. Pode-se mesmo dizer que o abstracionismo assina a superação definitiva e radical dos princípios nacionais, aspiração comum das tendências verdadeiramente universalistas da arte moderna.

Se há assim resíduos de brasilidade nos trabalhos abstratos de nosso Cícero Dias, esse deve ser considerado, do ponto de vista estético, um dos aspectos mais frágeis de sua pintura. É também, até certo ponto, um anacronismo artístico, irreconciliável com os princípios da arte não representativa.

Naturalmente, do ponto de vista sentimental, nada seria mais grato aos amigos de Cícero Dias do que assinalar sua volta a uma arte profundamente brasileira. Devo dizer que sou insuspeito para tratar do assunto, pois fui o primeiro a manifestar-lhe o desejo de vê-lo fazendo pintura brasileira ou italiana — e assim o que dá mostra artística, iniciada sob a influência predominante de Segall.

Examinando-se nesta exposição, hoje a curva de desenvolvimento da arte de Cícero Dias, não se pode deixar de concluir que sua tendência atual orienta-se em sentido contrário a qualquer retorno ao Brasil. Mesmo porque, em algumas de suas telas, as qualidades plásticas de suas formas se enfraquecem com o aparecimento, até certo ponto obsoleto, de elementos figurativos convencionalmente nacionais, como é o caso da representação de palmas de coqueiros ou de folhas de bananeiras.

Aliás, o próprio Cícero Dias está hoje convencido de que deve trilhar um caminho oposto, conforme se verifica pelo exame da última série de suas composições. São muito mais abstratas ou, pelo menos, escondem inteiramente qualquer possível intento subjetivo de ligação com a pintura brasileira.

Somente nas artes decorativas seria possível ou legítima uma incursão direta nos domínios de uma plástica "autoctone". Mas, essa hipótese está desde logo excluída, pois os abstratos não toleram nem admitem qualquer concessão nesse sentido.

Nos quadros de sua fase mais recente, como já frisai, Cícero Dias fugiu a qualquer representação da realidade. Apenas junta, opõe ou associa cores e formas irregulares. Faz o contrário de Mondrian, que compunha com formas retangulares.

Cabe por fim notar que, no abstracionismo, o verdadeiro criador não é o que tenta fazer arte brasileira ou italiana — e sim o que dá mostra de maior imaginação plástica e expressa sentimentos novos.

É claro que Cícero Dias pode insurgir-se contra os tabus estéticos da arte abstrata, numa tentativa de traduzir, na linguagem não-representativa, sentimentos brasileiros. Mas, não creio

que tenha xitoê na empresa, para a qual seria mais adequada a plástica figurativa.

(Antônio Bento - "Diário Carioca", 7-12-52).

O LEGISLATIVO E AS ARTES

Num mesmo dia, a Comissão de Finanças da Câmara dos Deputados aprovou a abertura do crédito de dez milhões de cruzeiros como auxílio para o início da construção da sede do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, e o plenário da Câmara dos Vereadores aprovou a doação pela Prefeitura do terreno para aquela sede.

Foi uma coincidência significativa. No caso da Câmara dos Vereadores, não é possível deixar-se de assinalar a unanimidade substancial da votação. Houve um único voto contrário, mas este mesmo por uma questão de sistemática, com referência à doação de terrenos, não envolvendo, por conseguinte, o mérito da iniciativa.

De resto, o prefeito João Carlos Vital, na mensagem enviada à Câmara dos Vereadores, examinara o dispositivo da Lei Orgânica que proíbe as doações, mostrando que o caso em espécie nele não se enquadrava, porque ao Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro eram atribuídos vários encargos. Encargos que coincidem com os objetivos do Museu, a cuja realização se condiciona a doação do terreno, e que se ajustam ao programa de difusão da cultura, que é dever precípua do governo. O terreno, de 40.000 metros quadrados, acha-se situado na área resultante do aterro que está sendo executado ao longo da Avenida Beira-Mar. A Municipalidade, como esclareceu na mensagem o sr. João Carlos Vital, reservara essa área nova à edificação das unidades de seus serviços de difusão cultural, justificando-se, assim, mais ainda, a instalação ali da sede do Museu de Arte Moderna, "pois tal fato, além de contribuir para o maior embelezamento do local, enriquecerá o conjunto com mais esse elemento altamente eficaz, de propagação do conhecimento artístico moderno".

A importância e a eficiência da sede definitiva do Museu de Arte Moderna, em relação aos serviços que prestará à cidade, podem ser calculadas através das suas atividades presentes, em menos de um ano de vida e funcionando numa sede provisória e improvisada. Em uma sede própria e adequada a seus fins, o Museu, na conformidade de sua organização, formará coleções e manterá exposições de artes plásticas, em caráter permanente e temporário; ampliará os seus cursos e conferências para o desenvolvimento da cultura artística; manterá filmoteca, arquivo de arte fotográfica e de reproduções, discoteca e biblioteca especializadas; promoverá exposições de filmes de interesse artístico e cultural, concertos, estudos e realizações de artes plásticas, inclusive populares, além de estimular o intercâmbio com as organizações congêneres no país e no estrangeiro e disseminar o conhecimento da arte moderna no Brasil.

Se é justiça louvar um tão generoso e intenso programa de trabalho, como índice do desenvolvimento cultural e artístico do país — igualmente louvável, em todos os sentidos, é a consciência que possuem e estão demonstrando os nossos legisladores, no Congresso e na Câmara Municipal, da oportunidade da cooperação dos poderes públicos para que esse programa alcance um completo e proveitoso rendimento.

("Correio da Manhã", 12-12-52).

CÍCERO DIAS

Quem ainda não viu a exposição de Cícero Dias, que vá correndo ver hoje, porque amanhã já não poderá fazê-lo. Aproveite esta oportunidade extraordinária, que tão cedo não terá outra igual, para ver a evolução da obra de um artista que é, ao mesmo tempo, pintor e glória nacional. Faça o que centenas e centenas de pessoas já fizeram, como Nelson Rockefeller, o ministro Horácio Lafer, o embaixador Vasco Leltão da Cunha, o ministro João Alberto, o poeta Manoel Bandeira, o embaixador Martins Pereira de Souza, o deputado Euvaldo Lodi, que contribuiu com Cr\$ 200.000,00 para o Museu, o embaixador Cyro Freitas Valle, o poeta Carlos D. de Andrade, o ministro Simões Filho e mais o Sr. Paulo Bitencourt, o Sr. Augusto Fredericó Schmidt, o professor Santiago Dantas, o Sr. Austregésilo de Athaide, o senhor Mário Pedroza, o Sr. Spitzman Jordan, o Sr. Henrique Pongetti, o Dr. Aloysio de Paula, o Sr. Otávio Tarquino de Souza, o Sr. José Lins do Rêgo, o Sr. Thiago de Melo, o Sr. Gastão Cruis, o Sr. Levi Carneiro, o Sr. Múcio Leão, o Sr. Guilherme da Silveira Filho e o Sr. Oswaldo de Andrade.

Para quem não gostar da nova fase abstracionista — que é uma fase da pintura para a qual se precisa estar preparado, ter um pouco mais de sensibilidade — lá está também a fase antiga de Cícero, e desta não há quem não goste. Parece "ex-voto". Igualzinho à sala de milagres de Nossa Senhora da Aparecida. De um lirismo encantador. Tem-se vontade de arrebanhar todos aqueles quadros e levar para casa. Mas não se pode. José Lins do Rêgo e outros felizardos chegaram primeiro. Zé Lins, este então, quase metade da exposição é dele.

Uma grande realização é esse Museu de Arte Moderna. Agora, então, com sede própria, vai ser muito melhor. A sua grande animadora, a Sra. Niomar Moniz Sodré, tem lutado contra muita coisa, principalmente contra a burrice do público, que é o mais duro de vencer. Mas, assim mesmo, essa batalha já está quase vencida. 60.000 pessoas, "quand-même", já visitaram o Museu. Uns esbravejam, outros criticam, não entendem nada, mas grande parte já está gostando. Enfim, o pior já passou, até donativos já começaram a fazer. Quando um povo começa a dar dinheiro para as artes, quer dizer que a civilização está chegando.

Oswaldo Andrade comentou no livro de assinaturas: "Já disse e continuo a dizer: Você, Cícero, é o maior pintor brasileiro de todos os dias." O tal livro, é uma pena, está cheio de sandices, mas em compensação contém uma página cheia de vivas ao pintor, e esta vale por todas:

"Viva Cícero! Viva Cícero! Viva Cícero!"

(Primeiro Basílio - "O Globo", 12-12-52)

O MUSEU, A CRIANÇA, O ARTISTA

Sempre, e em toda a Arte, o artista adulto é artista na medida e proporção em que conserva a pureza, a visão intacta, o tesouro de harmonia, que ele foi em criança. Criação, vigor, sensibilidade, expressão não podem brotar de uma fonte impura e poída pelo cansaço moribundo, pela ruindade estéril — e valer alguma coisa.

Cada passo na vida de uma criança, e cada olhar, é uma descoberta, um contato a mais num mundo rico de mistério e pavor, rico de gozo — gozo físico, mesmo — e de exaltadas sensações. O mundo da criança é trágico, sar-

dônico, feliz, sempre violento e todo ele composto de lágrimas e riso. Assim é também o mundo do Artista, e hoje, em nosso tempo, mais do que nunca. Esta época de ritmos novos, de progresso bárbaro, civilização confusa, reações as mais primárias e as mais sutis, vai nos levando de espanto em espanto pelo inesperado e inédito a dentro. Nunca o artista teve melhor ambiente para entreter sua vocação e lhe estimular a inspiração: para arregalar os olhos a um mundo de maravilha e miséria. Também nunca o assaltaram tantas tentações ou o importunaram tantos obstáculos. Por isso, apesar da safra cada vez mais numerosa por este mundo, são "poucos os escolhidos", marcados pelo traço inextinguível de uma vocação total.

O Museu de Arte Moderna teve uma idéia gostosa. Para as últimas semanas do ano — Férias, Festas, Natal, Ano Bom — resolveu expor trabalhos de crianças, desde os pedacinhos de gente de 4 anos, até as da idade difícil e insidiosa — a mais ameaçada de perdição — da adolescência. Talvez Dona Niomar não tenha a noção exata do que fez. Talvez lhe tenha apenas sorriso para as Festas a idéia do Museu cheio de algazarra da meninada. Mas seu instinto certo, ainda desta vez, não errou.

Não são crianças-prodígios que expõem, nem mesmo crianças prodigiosas. Alunos do Museu, trabalhando há coisa de seis meses, levemente e apenas levemente orientadas por Ivan Serpa (que tem no olhar e no sorriso a marca de tudo o que "não perdeu") cuja tarefa é principalmente deixá-los à vontade e entretidos — espontâneos, audaciosos, inesperados, nesses trabalhos expostos, eles facilitam a interpretação de todo um aspecto da base e origem da criação de inspiração artística. Essas crianças normais, sadias, e justamente por serem normais e sadias, ainda não perderam o gênio, ou talvez — sei lá! — a sabedoria telúrica com que nasceram. Uma delas que atravessa assim a barreira da adolescência está perdida para o mundo prático: é uma eleita.

A sala do Museu está uma beleza. Cor, variedade, vibração. É a terra "encore humide du déluge". É como se a gente penetrasse no mundo dos quatro elementos, predominando o Fogo purificador e a Água, origem e encanto de toda vida.

Seguramente algum dos da turma que "gosta porque é parecido" (parecido com quê, Santo Deus?) há de dizer que Arte Moderna é isto mesmo, está vendo, qualquer guri faz. E mostrará como tal ou qual quadro daqueles lembra tal ou qual mestre contemporâneo.

Exatamente. É na medida em que ele conserva sua "sabedoria telúrica", e só nessa medida, que um Mestre antigo, moderno, ou futuro pelo tempo afora, se eleva à altura de Mestre.

Sem aquilo, não pode existir isto.

("Correio da Manhã", 16-12-952).

Inaugurando a exposição de arte infantil, hoje, está o M.A.M.R.J. alcançando plenamente mais uma das finalidades a que se propõe.

Para trazer ao ambiente artístico de uma grande cidade a chama de renovação estética não basta, de fato, promover exposições. É preciso também atuar de modo direto sobre as jovens gerações, proporcionando-lhes as oportunidades de liberação espiritual que só através da arte se alcança.

E a esse respeito ninguém ignora mais, hoje em dia, o papel fundamental que desempenham as artes plásticas na formação da personalidade, como aquisição de uma linguagem figurativa tão importante quanto a linguagem escrita.

Aprender a exprimir-se livremente através de formas, linhas, cores e volumes harmoniosamente reunidos, significa a posse de um instrumento vital para a existência. Despertá-lo do seu adormecimento, é a tarefa do nosso tempo.

O mérito do empreendimento há de ser entretanto, em primeiro lugar, avallado em relação às dificuldades que foi necessário vencer. Praticamente sem instalações adequadas, em salas cedidas por empréstimo, contando com a colaboração espontânea dos artistas, empenhou-se o Museu em atacar, no seu primeiro ano de existência, a delicada tarefa de atuar sobre a juventude.

A mostra que este mês se inaugura representa justamente o balanço de seis meses de trabalho do professor Ivan Serpa, jovem artista, por sua vez, e dos mais dotados do espírito de investigação entre nós. Fazer trabalhar jovens, menores de 14 anos, partindo de uma quase efetiva indigência de meios materiais, para chegar, em meio ano, a reunir o material da exposição que hoje se inaugura, vale por uma conquista e, sobretudo, por um programa de realizações cheio de promessas.

A concepção moderna de um Museu de arte, como centro de irradiação atuante sobre a sociedade (e não como cemitério de obra de arte), estimula, na realidade, seus frequentadores a uma flexibilidade crescente de atitudes mentais, a uma tomada constante de posições novas. O retrospecto do ano de 1952 no M. A. M. R. J. indica de certo modo o caminho adotado.

Não é com os mesmos olhos, nem com o mesmo estado de espírito que indistintamente se pôde visitar os prêmios da Bienal de São Paulo, exposição de pintores brasileiros modernos, a de gravuras de Goya, a de Arquitetura, a de tapeçarias francesas e, por fim, a de arte infantil, com que essa instituição pretende encerrar um ano fecundo de atividades e realizações.

Cada uma dessas exposições, representando a tentativa de renovar em direção diferente, procurou dar resposta a problemas diversos.

Na sua aparente singeleza, a mostra de arte infantil, pelo seu largo alcance na estética contemporânea, não poderá, no entanto, ser considerada menos significativa que as outras.

Oxalá possa o jovem Museu ampliar seus recursos de modo a tornar sua fecunda atuação sobre os jovens, mais extensa e profunda do que a influência que já vem exercendo sobre o público em geral, que em número de 60.000 pessoas, lhe visitou as sucessivas exposições no decorrer deste ano.

("Correio da Manhã", 16-12-952).

Fui ao nosso Museu de Arte Moderna visitar a exposição de pintura de crianças, alunas de Ivan Serpa. Deixando os escritórios, as preocupações adultas e no fundo estereis, mergulhei alguns momentos no território sempre novo da infância.

Dessa rápida viagem através de quadros e desenhos, alguma coisa de mais puro e autêntico afinal me ficou no espírito: foi como se tivesse percorrido um pedaço de campo ou estrada ao amanhecer, e um pouco do orvalho ainda me borrifasse a roupa, a face, as mãos...

A pureza da infancia não é terna nem doce, mas algo de forte e indivisível. A mão da criança que pinta ou desenha é pura porque livre; não obedece a convenções, não copia, antes rompe as fronteiras da realidade visível. O fatal equilíbrio do mundo nasce apenas — e pesadamente se impõe — com a fuga da inocência, quando a criatura já prisioneira do meio substitui sua visão íntima e própria pelo modo de

ver geral, quando o olhar criador cede a vez ao olhar resignado que aceita e se acomoda, sem cusar mais bolir com as paisagens e arrepiar o mundo.

Sempre que tornamos a qualquer lugar onde se verificaram acontecimentos de nossa infância, mesmo aqueles onde não houve acontecimentos em nossa infância — uma casa antiga outrora habitada por nós, uma cidade em que estivemos, um jardim onde fizemos as nossas renações, um pátio de colégio que frequentamos — experimentamos a sensação de que tudo diminuiu: na lembrança guardávamos tudo isso em dimensões muito maiores, menos limitadas... As casas que nos abrigaram na idade mitológica dos primórdios, vivem em nós como vastas moradias cheias de recantos misteriosos. As árvores com as quais tivemos contato menino e vivo, com quem tantas vezes nos entendemos e mesmo trocamos palavras, se voltamos a vê-las já não são as mesmas, mudaram... E assim é tudo. E é por isso que tudo dói, no reconhecimento. A volta dói. As coisas mais ricas e melhores desaparecem, minguem, empobrecem. Ah, como tão diferentes nos pareciam os morros, os rios, as pontes, as mangueiras, as fisionomias humanas dos seres que nos receberam e estiveram conosco nas horas primeiras da iniciação na realidade — de que se chama "realidade", não se sabe bem por que!

Nessa exposição de quadros e desenhos de crianças, das crianças do curso do Museu de Arte Moderna, dirigido por Ivan Serpa — que confirmação, de que o mundo da infância é maior e não obedece senão ao olhar limpo, sem escamas, o inquietante olhar da infância!

De Ana Maria, de cinco anos, a Carlos Val, que deve estar mudando a voz nesta hora, adolescente quase, que riqueza, que variedade nos traços independentes e ousados, que atrevimento em avançar ao encontro das paisagens, dos trechos urbanos, de girassóis maduros que lembram os de Van Gogh! Não são "pintores prodígios", frutos sazonados antes do tempo, milagres inexplicáveis... são crianças que brincam de recriar o mundo, seres tenros e livres que não sofrem ainda as restrições ao direito de olhar e ver, sentir e exprimir o que lhes parece verdade.

Da alegria da infância, não falemos. Pureza, sim, mas alegria já é coisa mais difícil: algo de forte e ao mesmo tempo melancólico, uma espécie de adivinhação da tragédia do vir-a-ser, envolve essas composições, algumas frescas e leves, outras já com sinais primeiros que revelam naturezas noturnas. As crianças são livres, e em liberdade exprimem as angústias que as possuem a inquietação que as empolga, o seu medo de que tudo o que vêm desapareça na fuga das coisas.

Aconselho aos homens exaustos, aos que se esforçam por sobreviver, aos heróis do cotidiano, aos orgulhosos e aos importantes, aos infelizes e aos desesperançados, aos entediados de todos os tipos, que quebrem o ritmo de suas vidas e procurem um pouco de sombra, de água de fonte, de poesia original, nessa exposição com que o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro afirma um aspecto mais de sua numerosa existência!

A poesia — que é substrato da infância — está manando ali no edifício do Ministério da Educação, onde provisoriamente funciona o Museu: os que precisam de poesia, os insaciados de cada dia e de todos os dias, não deixem de aproximar-se dessa maravilhosa fonte!

AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT

("Correio da Manhã", 19-12-952).

PODIA SER PIOR...

(Crônica de Henrique Pongetti, lida ao microfone da Radio Globo em 27-11-52)

A Prefeitura e a Câmara Municipal doaram quarenta mil metros quadrados de terreno ao Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro para a construção da sua sede. Essa área, ampla até para um sítio ou para uma granja, tem uma localização incomparável: os terrenos do Calabouço, agregados à Esplanada do Castelo pelo aterro. Isso significa que os modernistas vão ter seu baluarte no coração do Rio, à beira da Guanabara, entre brisas da barra, passando talvez a ser o Museu de Arte Moderna melhor situado no mundo. Os acadêmicos estão furiosos com a fulminante vitória dos seus abominados adversários. Há quatro anos o sr. Raymundo de Castro Maya fundava o museu na sala cedida pelo Barão de Saavedra em seu Banco. Era um embrião, mas um embrião anêmico. Algumas exposições ali realizadas não chegaram a constituir um atestado de vitalidade, nem mesmo uma certidão de nascimento. O sr. Raymundo de Castro Maya não sabe pedir, e só se cria um museu, em qualquer país, pedindo.

Assis Chateaubriand conseguiu dar a São Paulo o melhor Museu da América Latina graças à sua coragem de pedir. Sua consciência nunca teve oportunidade de sofrer por isso uma crise. Que diabo! Há muito dinheiro sobrando, muito lucro extraordinário dando sopa, e um museu de verdade só honra a nação que o possui e os homens que o fizeram, quadro a quadro. Além disso, muito milionário não é Mecenas por timidez. Tem receio de parecer cabotino oferecendo, mas sente-se à vontade quando lhe pedem. Há ainda uma outra razão: a maioria dos homens de dinheiro só pensa em casas de caridade se resolvem abrir a carteira. Não se lembram da pintura, não imaginam que também os museus são casas de caridade, pela beleza que espalham entre seres perseguidos pelas coisas feias do mundo. Inegavelmente a Sra. NIOMAR MUNIZ SODRÉ teve a compreensão dessas realidades, e soube pedir; cercar-se de gente influente, capaz, ao mesmo tempo, de dar e de pedir também. O resultado está aí. Quando se pensava no Museu de Arte Moderna de São Paulo como um fenômeno exclusivo do bandeirismo local, reforçado pelo dinheiro de um Matarazzo, uma senhora suave e enérgica parte praticamente do marco zero e vai ainda mais longe. Os acadêmicos costumam atacar a arte moderna pelo seu apoio mundial na alta burguesia, ou no granfinismo, como dizem eles. Isso não quer dizer nada. Toda a Renascença italiana foi apoiada no mecenatismo da aristocracia e dos papas. Os grandes museus norte-americanos foram criados com as doações de galerias particulares. Dar, pedir, pedir, dar, ter a humildade de estender a mão e a santidade de dar de cabeça baixa, assim o exige a beleza em nome dos museus. Sim, podia-se viver sem museus. Pode-se viver até sem liberdade e sem sol. Mas nós sabemos que ao posar os olhos no seu quadro dileto, o enfermo que nunca mais olhou o mundo pela janela reconhece que a vida PODIA SER PIOR.